

## ÍNDICE INDICE

- 8** O meu olhar desde os cocurutos nas povoações empoleiradas  
Conceição Lopes
- 10** Mediterraneidade — o espírito do Mediterrâneo  
Fernando Santos Pessoa
- 13** Povoados alcandorados do Mediterrâneo  
Miguel Reimão Costa, Susana Gómez Martínez, Desidério Batista, Vítor Ribeiro

### ENTRE MARGENS ENTRE LES MARGES

- 16** Águas de Mértola: 2000 anos de abastecimento, armazenamento e gestão da água num povoado alcandorado  
Virgílio Lopes, Susana Gómez Martínez, Mária de Fátima Palma, Cláudio Torres, Miguel Reimão Costa
- 22** Le géomorphosite culturel de Matmata (sud-est tunisien): paysage et habitats troglodytiques  
Nouri Boukhchim
- 27** A aldeia berbere de Zroua nas montanhas meridionais da Tunísia: identidade e dinâmica da paisagem mediterrânica  
Desidério Batista, Miguel Reimão Costa
- 33** Kourbous à l'époque moderne, renaissance et extension d'un village et d'une station thermale en montagne au Cap-Bon (nord-est de la Tunisie)  
Beya Abidi

### ENTRE PONTOS ENTRE LES POINTS

- 38** Mediterrâneo: um certo genius de habitar  
Gonçalo Duarte Gomes
- 43** Las comunidades de Djebel Sirwa (Anti-Atlas, Marruecos): hacia una relación entre hábitat y economía  
José María Moreno Narganes, Hacomar Ruiz González, Efraín Marrero Salas, Jared Carballo-Pérez
- 49** Centralidades encaramadas. Ciudades medias de las sierras béticas desde una perspectiva territorial e histórica. Los casos de Estepa y Osuna  
Blanca del Espino Hidalgo, Francisco José García Fernández
- 55** Monte Cabeço da Cardo, 226 metros de altitude. Um percurso entre o Mediterrâneo e a faixa atlântica para reconhecimento dos valores do vernáculo  
Cláudia de Oliveira Calado Gaspar

### ENTRE MONTANHAS ENTRE LES MONTAGNES

- 60** Tagnit n'Abdiy. A arquitetura e a paisagem da região nordeste do Anti-Atlas em Marrocos  
Miguel Reimão Costa, Desidério Batista
- 66** Zriba, un village perché du mont Zaghouan (nord-est tunisien)  
Meriem Marzouki
- 71** Lecture architecturale, paysagère et culturelle d'un village perché — cas de Takrouna, Tunisie  
Ons Najjar, Raja Gzara
- 76** Além da casa sem nome. Novos estudos: Constantina  
Vidal Gómez Martínez, Blanca del Espino Hidalgo, María Teresa Pérez Cano

- 82** Manières d’habiter dans les zones montagnardes de la Méditerranée Occidentale: recherches sur les modèles d’habitat traditionnel de Chefchaouen  
Leila Harabi

#### **ENTRE FRONTEIRAS** ENTRE LES FRONTIÈRES

- 87** “De Marvão vê-se tudo”, assim dizia José Saramago  
Jorge de Oliveira
- 94** Topografias dos recintos murados da Pré-História recente do Alto Douro: o caso do Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa)  
João Muralha, Sérgio Gomes, Ana Vale, Vítor Oliveira Jorge
- 106** Estruturas de fronteira: arquitetura e povoamento em Ribacôa  
Maria Isabel Lopes de Mendonça
- 112** Estremoz: assentamento e fronteira  
Ana Costa Rosado

#### **ENTRE ÁGUAS** ENTRE LES EAUX

- 112** A arquitetura corrente do Baixo Guadiana através da arqueologia: a parcela do edifício dos antigos CTT de Alcoutim entre os séculos XV a XX  
Marco Fernandes, Virgílio Lopes, Susana Gómez Martinez, Miguel Reimão Costa, Alexandra Gradim
- 116** La Cittadella di Gozo a Malta: un’acropoli nel cuore del Mediterraneo  
Germano Germanò
- 123** *Telhados de tesouro* da Ribeira de Tavira — Modelos e tipologias da casas nobres entre os séculos XV e XVI  
Ana Isabel Nascimento Santos
- 128** Vila da Fuzeta, entre o mar e a terra. Revelar arquiteturas, percursos e horizontes lagunares  
Pedro Miguel Mascarenhas de Brito, João Gabriel Candeias Dias Soares
- 134** Os povoamentos alcandorados da cidade de Lisboa em risco  
Filipe Mário Lopes

#### **ENTRE TEMPOS** ENTRE LES TEMPS

- 139** Arquitetura de adobe em povoações alcandoradas de Portugal  
Maria Fernandes
- 142** A aldeia de Prados no Programa de Renovação Rural: apontamentos para uma história das intervenções de reabilitação em áreas rurais no Estado Novo  
Vítor Ribeiro
- 149** Identité architecturale et patrimonialisation de l’habitat en Kabylie  
Zoulikha Ait-Lhadj, Messaoud Aiche, Miguel Reimão Costa
- 155** Uma ponte construída em taipa — Sobral da Adiça, Moura  
Miguel Ferreira Mendes

# VILA DA FUZETA, ENTRE O MAR E A TERRA REVELAR ARQUITETURAS, PERCURSOS E HORIZONTES LAGUNARES

Pedro Miguel Mascarenhas de Brito

Departamento de Arquitetura, Universidade de Évora  
bripedro93@gmail.com

João Gabriel Candeias Dias Soares

CHAIA, Universidade de Évora  
jgds@uevora.pt

Palavras-chave: sistema lagunar, Fuzeta, arquitetura efémera, horizonte

## Introdução / Metodologia e recursos consultados

Este trabalho, desenvolvido no âmbito de Dissertação de Mestrado em Arquitetura<sup>1</sup>, propôs-se estudar metodologicamente, de modo interdisciplinar, a vila da Fuzeta e o seu território. Encarando como premissa a elaboração de um projeto de arquitetura, com todas as ferramentas próprias da prática, adotou-se uma metodologia de investigação pelo projeto – *research by design*. Foram realizados levantamentos no local, quer fotográficos, quer de mapeamento/desenho do território e dos elementos arquitetónicos mais significativos, assim como levantamentos de memórias e experiências junto da população, de modo informal. Paralelamente, foi realizado um levantamento bibliográfico de diversas fontes documentais escritas e gráficas que permitiu encontrar convergências e imaginários próprios da vivência empírica do lugar. Desenvolvidas em simultâneo, a proposta de projeto e a investigação consolidaram-se mutuamente, definindo uma estratégia de abordagem de projeto. O *corpus* “teórico” do trabalho resultou numa sistematização da informação em capítulos numa lógica de escala de aproximação. Do território à definição de sítio e lugar (evolução urbana e arquitetónica da povoação), à perceção do lugar, às arquiteturas primitivas e arquétipos – no desenho de uma proposta de projeto como ensaio.

A Fuzeta carinhosamente apelidada de *branca noiva* (Andrade, 2002, p. 41) tem vindo a desligar-se “do mar” com as construções de grande escala que a

têm amuralhado, entaipando o engenhoso sistema de açoteias e mirantes que subsistem como último reduto de um passado distinto. Esta investigação multidisciplinar propõe um novo olhar sobre a arquitetura vernacular “efémera”, na definição de um caminho transitório, oferecendo novos modos de olhar e compreender a Fuzeta – um sistema territorial “em rede”, que encara a efemeridade e dinâmica preexistentes como conceitos arquitetónicos capazes de estimular novas abordagens numa contínua reinvenção do lugar. Estrategicamente dividido em três elementos arquitetónicos, num diálogo intencional e eminente com a paisagem. Um sistema de vistas que põe a Fuzeta em foco, num confronto entre a imagem de “cartão de visita” atual e o recortado *skyline*, outrora pitoresco desta invulgar povoação. Encarar o “olhar” como capacidade crítica/operativa sobre o território, o “caminhar” como prática estética e cognitiva e o “parar” como processo de síntese, escolha e reflexão. Outra forma de revelar este lugar alcandorado. Avaliar o impacto das alterações contemporâneas – escala, vivências, contraste ideológico entre os valores do “centro histórico” e a sobreposição de uma “muralla” de blocos turísticos nas frentes de mar da vila. Recordar-se, por fim, a forma apaixonada e livre com que Raul Brandão descreve o Algarve em 1922, especificamente na sua passagem próxima da vila da Fuzeta:

*Estradas orladas de cactos imóveis como bronze, e a deslumbrante Fuzeta, com o seu zimbório entre as árvores esguias. Ao longe, e sempre, acompanha-me o mar, que mistura o seu hálito a esta luz vivíssima. [...]. É ela que encanta o Algarve Brandão, 1967, p. 216*

<sup>1</sup> Este trabalho resulta da dissertação de Mestrado em Arquitetura com o mesmo título, defendida em outubro de 2019. Orientada pelos Professores João Soares e Daniel Jiménez, foi arguida pelo Professor João Nunes.



Fig. 1 Porto de Abrigo da Fuzeta, anos 1930

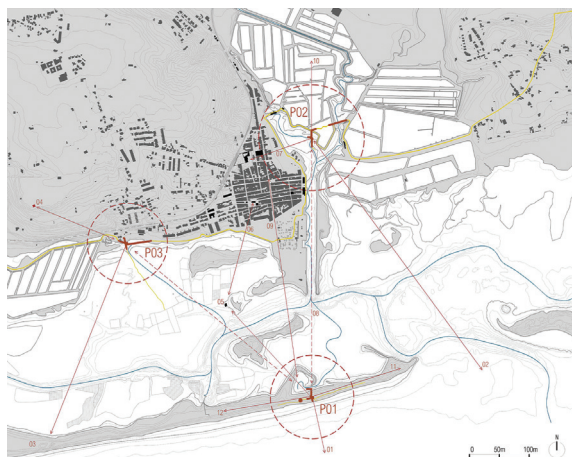


Fig. 2 Sistema de vistas proposto

## 1. Paisagem litoral, contexto de foz e definição do sítio que veio a constituir lugar.

### 1.1. O Algarve Litoral

O Mar é dos mais ricos ambientes naturais do planeta e, por isso, extremamente atrativo. Há muito que o homem estabelece uma relação de vital dependência com ele, habitando-o e dinamizando as suas margens. Existem várias especificidades deste meio que influenciam de forma direta a vivência nos territórios litorais. São exemplos os efeitos climáticos, as correntes oceânicas, a orografia e hidrodinâmica do território, o regime de marés, entre outros. Há muito que se tem explorado a costa portuguesa, quer por meio de armações fixas de atum e sardinhas, quer pela pesca em barcos de diversas tecnologias e técnicas. Mariano Feio relata-nos um Algarve de meados do século XX, onde o mar oferece *excelentes condições naturais à atividade do Homem: calmo a maior parte do tempo, possui abrigos suficientes e é muito rico em peixe* (Oliveira, 1971, p. 107). A navegação de cabotagem foi também um grande motor económico da região, tendo originado vários aglomerados que se ocuparam do comércio e contrabando marítimo. O mar desempenha assim uma dupla função de veículo e recurso económico em si mesmo.

Com a sua disposição *em anfiteatro exposto ao sul* o seu clima de *carácter temperado e moderado*, o litoral Algarvio apresenta-se com uma cobertura vegetal essencialmente mediterrânica e um *intenso povoamento rural*, vivendo ainda de uma *activa vida costeira de urbanização ligada ao mar* (Cavaco, 1976). Entre o mar e a terra, o sistema lagunar da Ria Formosa exprime-se na peculiaridade da sua condição simultaneamente aquática e terrestre, mutável, que transforma uma simples linha de fronteira entre dois ambientes, num amplo e complexo território, extremamente denso e rico. Vulgarmente conhecido, de forma abreviada, por Ria Formosa, compreende a maior área de sapais do país e alonga-se paralelamente ao mar por cerca de 57 km. Sendo um *sistema lagunar* e não uma *ria* (Ramalho *et al.* 2003), trata-se de uma extensão de *lagunas contíguas separadas do mar por cordões litorais e separadas entre si pela inércia das correntes e maré* (Silva, 2012, p. 3).

### 1.2. Morfologia do território

A par de uma rede de pequenas ribeiras e rios que correm para o sul, denotam-se na região alguns aglomerados urbanos que se estabeleceram junto às suas áreas de

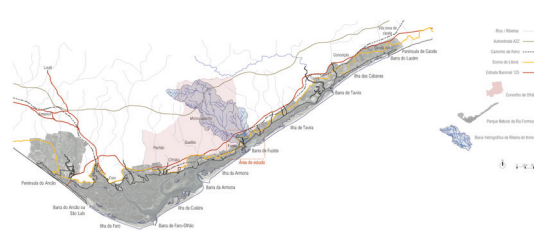


Fig. 3 Parque Natural da Ria Formosa, planta de síntese territorial

foz, aproveitando a riqueza de recursos, a existência de nascentes, a proximidade ao mar e a existência de portos de abrigo naturais com condições de fixação das comunidades. É o caso da Fuzeta que se implantou em plena foz da ribeira do Tronco, na margem poente. Com início a montante do cerro de São Miguel, esta bacia hidrográfica apresenta um regime hidrológico torrencial, com influência de algumas nascentes ao longo do seu curso de aproximadamente 14 km, em direção ao mar, intervindo na sua passagem pela laguna, na foz, o regime de marés semidiurno. A saída para o oceano dá-se pela “barra da Fuzeta”, como historicamente se designou. *Situada no cordão litoral arenoso* constitui uma *barra divagante cuja tendência é o caminhar no sentido poente-nascente, numa frente com uma extensão da ordem dos 3 km, com a posição mais a poente, a oeste da povoação* (Oliveira, 1985, p. 3). A Fuzeta é hoje uma vila que se insere, segundo o PDM do concelho de Olhão, nos *Espaços Lagunares Edificados*, divididos em *Espaços Urbanos* e *Espaços Urbanizáveis*, em que os primeiros englobam os *Espaços Urbanos Históricos* e os *Espaços Urbanos Estruturantes*, abrangendo o centro histórico e os terrenos entre a linha de comboio e o núcleo histórico, e os últimos, os *Espaços Urbanizáveis de Expansão*, que se estendem já até às *Atalaias* (Pacheco, 2009).

### 1.3. Do sítio da Foz ao lugar da Fuzeta

*No séc. XVI, a Fuzeta era apenas um sítio [...] que, a pouco e pouco, se foi desenvolvendo e aumentando em população, para vir a constituir um lugar com a sua capela dedicada a Nossa Senhora do Carmo* Mascarenhas, 1962, p. 12

A polissemia dos conceitos de *sítio* e *lugar* remete para uma complexa rede de conhecimentos e desafia o pensamento filosófico, tornando-os cada vez mais específicos. A capacidade de se constituir como lugar é intrínseca a qualquer sítio. Depende da ação humana e da significação atribuída – valores socioculturais, ecológicos, ambientais, económicos, éticos, estéticos, entre outros. Despertam impressões, sensações e memórias resultantes das relações humanas. A metamorfose depende então da compreensão e perceção do ser humano sobre a realidade. Numa lógica de “adição”, o território constrói-se e incorpora os desafios da modernidade, marcado por momentos de acelerada transformação e de tranquila existência. Provocando mudanças para a população, reflete-se numa acelerada transformação da paisagem, da morfologia urbana e da arquitetura.

*The existential purpose of building (architecture) is therefore to make a site become a place, that is, to uncover the meaning potentially present in the given environment* Norberg-Schulz, 1979, p. 18



Fig. 4 Maqueta do cais mirante nas salinas (escala 1/500)

#### 1.4. Fozeta, Fuzeta, Fuseta – considerações sobre o topónimo

*Antes de mais nada apresso-me a dizer que escrevi Fuzeta, porque assim vejo escripto em todos os auctores; mas estou convencido que é um grande erro, porque, sendo esta palavra diminutivo de Foz, dever-se-hia sempre escrever Fozêta e não Fuzeta* (Leal, 1874, p. 243)

Fig. 5 Trecho de Alvará régio, 1551

Sendo certa a localização na foz, mantém-se a dúvida acerca da origem do topónimo que denomina o lugar onde em 1541, segundo Mascarenhas, seria o “Sítio das Cabanas e moinhos” (Mascarenhas, 1985, p. 10). Várias teorias se têm desenvolvido. Numa clara ligação ao contexto territorial específico do lugar, da Foz da ribeira do Tronco (Leal, 1874, p. 243), aos figueirais do termo de Faro – “*ficeta plural de ficetum*” (Vaz, 1986, pp. 9-11) ou ainda à denominação Árabe

de praia – *Huza + diminutivo eta* = Huzeta (Cabrita, 1978, p. 14), muita história haverá por contar.

O documento mais antigo até à data que refere o lugar da Fuzeta data de 1551 e menciona a *Armação da Fozeta* (Alvará da Rainha D. Catarina, 1551). Em 1572, um *instrumento de venda, renda e aforamento* de uma propriedade refere a *Fozeta* (Pacheco, 2009). Encontra-se mencionada *La Foseta* (Muñoz, 1990, p. 55-86) e é este documento castelhano que parece ser o primeiro a alterar a escrita do topónimo. Em 1621, o napolitano Alexandre Massaii relata-nos *Aonde se chama a Fos q he no termo há huã torre [...]. E no mesmo lemitte da fosseta* (Guedes, 1988, p. 110). A grande maioria dos mapas, desde o século XVIII, referentes à povoação, usam o topónimo Fuzeta. *Os primeiros assentamentos da Fuseta foram feitos por pescadores da armação de atum e tinham carácter sazonal* (Pacheco, 2009). A ocupação mais permanente começa com a construção, no século XVII (Vaz, 1986), de um *quartel para defesa da povoação e da entrada da barra na colina sobranceira à ria*. Mais tarde há referências, nas Memórias Paroquiais de 1758 à *capella da Senhora do Carmo* que se vais reparando do terramoto. Dada a proliferação da utilização do topónimo “Fuzeta”, esta denominação marcou assim a consolidação e identidade do lugar. Atualmente a vila denomina-se Fuseta devido a uma alteração proveniente do novo código administrativo (Mascarenhas,



Fig. 6 Vista do topo da igreja, 1934 (em cima) e anos 1960 (em baixo)

1962, p. 12). Numa forma particular de olhar o horizonte, as suas características únicas revelaram-se então, num lance visual intuitivo:

*Aonde o mar se acaba e a areia começa, [...] perto do cabo de Santa Maria, quase no extremo ocidental da Europa, fica exatamente a pequena e hospitaleira aldeia de pescadores chamada de 'branca noiva do mar' Andrade, 2002, p. 41*

## 2. Compêndio documental – informação gráfica relevante

A documentação gráfica é, para um trabalho de reconstituição histórica de um lugar, uma das melhores ferramentas para uma compreensão integrada. Num mapa secular, como numa fotografia antiga, fixaram-se, intencional ou fortuitamente, importantes indícios e factos que ajudam a compreender modos de habitar, costumes, tempos e formas urbanas e rurais, restos de eras primitivas que se esbateram em gerações. Com a clareza de uma imagem, tiram-se inúmeras informações valiosas a ter em consideração, mediante um processo de leitura e síntese. A especificidade do olhar do arquiteto procura a medida certa de uma intervenção – uma alteração profunda, mas ajustada.

*Para o novo poder encontrar o seu lugar, precisa primeiro de nos estimular para ver o existente de uma nova maneira. Lança-se uma pedra na água. A areia agita-se e volta a assentar. O distúrbio foi necessário. A pedra encontrou o seu lugar. Mas o lago já não é o mesmo Zumthor, 2009, p. 17*

Elencam-se os documentos, alguns inéditos, que constam em compêndio na dissertação (Brito, 2019).

Baltasar de Azevedo Coutinho (1798). *Fortificações do Algarve*. Disponível em <https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=4499965> [Acedido a 6 maio 2019]

*Projeto de construção da Estrada Municipal de 2.ª classe da Fuzeta à estrada do litoral (1870-1871)*. Consultado no Arquivo Distrital de Faro (Arquivo da repartição de obras públicas do distrito de Faro. Junta Autónoma de Estradas 1856/1969. Processos de Construção de estradas municipais do concelho de Olhão)

*Carta Agrícola e Corográfica de Portugal*, Minuta inédita da folha 221 da Carta Agrícola, não publicada. Prancheta A. Escala 1: 50 000. Direção de Gerardo Pery (1901)

*Plano hidrográfico da Barra da Fuzeta elaborado na Missão Hidrográfica da Costa de Portugal, corrigido em*

1916. Consultado presencialmente e reproduzido pelos serviços gráficos do Instituto Hidrográfico

*Levantamentos ortofotogramétricos dos voos RAF 1947 e SPLAL 1950* (Centro de Informação Geoespacial do Exército, FAP (1972) e imagens satélite 2007 e 2017, Arquivo Histórico Municipal de Olhão)

Panorâmica do moinho grande para a povoação, anos 1930 (autor desconhecido)

Panorâmica do topo da torre da igreja, 1934 (José Agostinho)

Fotografias do topo da torre da igreja, anos 1950-1960 (Floriano Andrade)

## 3. “Caminhar”, “parar” e “ver” como processos operativos no território

Num olhar da terra ao mar, é possível encontrar ainda na Fuzeta aspetos naturais de grande valor, e de continuidade com as seculares dinâmicas de construção da paisagem. É na possibilidade da sua revelação, compreensão e manutenção que residem as premissas para um planeamento sustentável a longo prazo. Carecendo hoje de interpretação e adaptação aos desafios contemporâneos, são também estes os valores a preservar e projetar para o futuro.

O ato de “caminhar/navegar”, assim como a escolha acertada da forma, tempo e local para “parar”, oferecem então a possibilidade do contacto *in loco* com os aspetos naturais da paisagem e revela as grandes dinâmicas de alteração a que esta está constantemente sujeita. O “caminhar” como ato errante, que traça e recupera rumos e atalhos, numa definição constante de objetivos e direções, revela-se uma das mais intensas relações que o indivíduo estabelece com o meio. Um desafio aos sentidos.

*Entretanto, para quem navega, o andar é tão importante quanto o parar. Quem levanta a âncora para uma longa viagem, além das velas e dos remos, leva certamente consigo também a âncora: a possibilidade de parareconhecerdePERTOOUTROSTERRITÓRIOEOUTRASGENTES Carreri, 2017, p. 32*

Se o movimento implica uma acelerada experiência do espaço, o tempo da permanência – parar – contém em si a possibilidade da revelação do essencial, da disponibilidade para a reflexão, da ocasião para o encontro com o outro, da libertação do vulgar e do quotidiano. Despender tempo para deter-se no olhar, para questionar e compreender, para ganhar mais tempo e vislumbrar fixamente o horizonte, conferindo-lhe nitidez e profundidade.



Fig. 7 Fotomontagem do cais mirante na ilha



Fig. 8 Fotomontagens de projeto: cais mirante nas salinas (em cima) e vistas (em baixo)

#### 4. Das arquiteturas primitivas

Dada a ancestral criação de arquétipos triviais, testados e disseminados à escala global, torna-se importante desvendar aqueles que definem a base fundacional de um aglomerado e da sua identidade, a fim da sua compreensão e adaptação contemporânea. Flexíveis e capazes de responder a diversos contextos e culturas, nascem de premissas universais, que permitem dar respostas pragmáticas às condições de cada lugar, em perfeita sintonia com as suas características naturais e ambientais, tirando destas o melhor partido. No caso da Fuzeta, a sua arquitetura distinta e original, embora exposta agora a um processo de aculturação e acelerada transformação, ainda permite um último vislumbre de algumas das suas formas e métodos construtivos puros e originais. Numa adaptação ao lugar, substituíram-se as primitivas cabanas de junco por casas de alvenaria com telhados e estes, posteriormente, por açoteias abobadadas (Pacheco & Caldas, 2015, pp. 108-113). Novas divisões a céu aberto, às quais se sobrepuseram, como em Olhão, estruturas para ver e ser visto ao longe: mirantes, contra-mirantes e púlpitos. Uma funcionalização da casa como espaço de habitar, de trabalho, domínio e fruição. Intui-se associar tal evolução tipológica da casa com mirante às atalaias de vigia da costa, ou às altaneiras torres das igrejas. Revelam o desejo antigo de ver e comunicar mais longe e mais alto (Ribeiro, 2013, p. 103). O projeto aqui proposto encontrou nestes modelos o fundamento para uma reinterpretação contemporânea de formas, usos, processos construtivos, técnicas e materialidades em crescente desuso.

##### 4.1. A torre

Enquanto elemento simbólico de afirmação de poder e domínio, quer religioso, militar ou de nobreza, aparece na Fuzeta por motivos de defesa da costa face à pirataria e corso. Numa evolução tipológica, aparece *sobre a soteira*

*o mirante* (Brandão, 1967) – torres urbanas de carácter doméstico – que serviam de patamar de observação da costa.

*O desejo de vigiar o mar, principalmente a chegada das embarcações, que é geral nos locais de pesca, parece ser o motivo principal de se erguerem, acima do primeiro nível de terraços, outros mais altos e facilmente acessíveis* Ribeiro, [1961] 2013, p. 103

##### 4.2. O cais

Estrutura arquitetónica de interface entre o meio hídrico e o meio terrestre é uma tipologia fundamental de relação funcional com a paisagem. Essencial na vida cotidiana da maioria das povoações ribeirinhas, quer em rios, mares, barragens, lagos, áreas lagunares, entre outros – permite e potencia a utilização do meio aquático como espaço de circulação de pessoas e mercadorias. Estas construções podem ser de carácter temporário ou permanente e nascem, muitas vezes, em lugares naturalmente propícios à sua instalação. É utilizado no projeto como estrutura palafítica de madeira, recuperando uma tipologia desaparecida na Fuzeta.

##### 4.3. A cabana

Construção para abrigo, responde à necessidade de *protecção contra os rigores do clima, e das intempéries, [...] No litoral Algarvio [...] em certos casos, documentam-se desde há séculos* (Oliveira *et al.*, 1988, p. 193). Assume aqui um papel de elemento primitivo, caído em desuso por volta dos anos 1970, e reflete a ancestral adaptação ao território, numa limitação de recursos que obrigava ao desenvolvimento do engenho humano com os materiais autóctones. Pela sua perecibilidade, estas construções, que duravam em média 20 anos, acabaram por votar um grande período de vivência ribeirinha ao esquecimento. Com intencionais adaptações de atualização funcional e construtiva, recriam-se na proposta atmosferas próprias



Fig. 9 Fuzeta no sistema lagunar da Ria Formosa, maqueta territorial (esc.1/2 000)

do ambiente marítimo, que nascem da metamorfose dos materiais do próprio lugar. Propõe-se trazer à luz do “luminoso sol algarvio”, uma nova forma de pensar e habitar o primitivo abrigo. Com forte simbolismo evocativo, estético e funcional, os novos abrigos tencionam proporcionar espaços de acolhimento e conforto, que convidam à meditação e fruição da “ria”.

### Conclusão/Resultados

Este trabalho foi desenvolvido segundo uma metodologia de investigação que assenta na formulação de perguntas resultantes do processo de projetar em Arquitetura. A necessidade de encontrar respostas e fundamentos para os temas que o pensamento arquitetónico convocava serviram de mote para a formulação de problemáticas que exigiram uma sistemática recolha e tratamento de elementos de carácter histórico, sociológico, científico e artístico. O Projeto foi o motivo para se encetar a investigação, produzindo-se alguns elementos gráficos inéditos, resultantes da síntese de diversas fontes. Revelou-se uma “Fuzeta” com uma riqueza patrimonial ímpar na região, pela manutenção, ainda que desvanecida, dos seus valores identitários, quer paisagísticos, ambientais, arquitetónicos e socioculturais. As recentes construções de grande escala na frente de ria, que alteraram significativamente o conjunto urbano e em especial o centro histórico, incrementaram a desvalorização de uma das principais características da singular arquitetura da Fuzeta – a possibilidade de ver da terra para o mar a partir das açoteias e mirantes, por entre enfiamentos visuais que os quarteirões mais avançados face ao mar sistematicamente deixavam livres. O objeto arquitetónico era assim construído, quer na escala do habitar, quer do espaço comunitário, como “uma máquina de observação e abrigo”.

A capacidade transformadora do engenho moderno, que altera profundamente o território, em pouco tempo, com pouco esforço braçal e grande impacto ambiental, potencia intervenções precipitadas e uma sintomática delapidação dos lugares. Hoje assiste-se até à movimentação artificial das ilhas barreira, contrariando a tendência de um secular diálogo e adaptação às dinâmicas do território, na manutenção do seu equilíbrio ecológico.

O projeto proposto enaltece os valores da paisagem e estabelece um diálogo, pela compreensão da efemeridade das suas dinâmicas, posicionando cirurgicamente três objetos arquitetónicos que se implantam tirando partido de cada posição estratégica, sempre no sistema lagunar, e numa condição intersticial entre o mar e a terra. Um observatório dinâmico que convida à circulação, contemplação e reflexão, colocando a vila no centro, num diálogo constante entre ver e ser visto, conhecer e defender.

### Bibliografia

- Alvará da Rainha D. Catarina para Álvaro Lopes mandar fazer à cidade de Faro 10 âncoras de ferro (1551). Disponível em <https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=3778492> [Acedido a 4 setembro 2018].
- Andrade, J. R. d' (2002). *Crónicas do Alto da Torre*. [s.l.]: [s.n.].
- Brandão, R. (1967). *Os Pescadores*. Lisboa: Estúdios Cor.
- Brito, P. (2019). *Vila da Fuzeta, entre o mar e a terra*. Dissertação de Mestrado em Arquitetura. Universidade de Évora.
- Cabrira, A. H. (1978). *Olhão, subsídios para o estudo das origens dos topónimos do concelho*. Olhão: Câmara Municipal de Olhão.
- Cavaco, C. (1976). *O Algarve Oriental – As vilas, o campo e o mar*. Faro: Gabinete do Planeamento da região do Algarve.
- Guedes, L. C. (1988). *Aspectos do Reino do Algarve nos séculos XVI e XVII: A “Descrição” de Alexandre Massaii*. Lisboa: Arquivo Histórico Militar.
- Leal, A. P. (1874). *Portugal antigo e moderno*. Lisboa: Mattos Moreira & Ca.
- Mascarenhas, J. F. (1962). *Origem dos topónimos das freguesias do concelho de Olhão e de alguns dos seus sítios*. Tavira: [s.n.].
- Mascarenhas, J. F. (1985). *A População de Moncarapacho no século XVI livre e escrava através de rois de confessados inéditos*. Olhão: [s.n.].
- Muñoz, A. C. (1990). “Las torres del litoral en el reinado de Felipe II: una arquitectura para la defensa del territorio (I)”. *Espacio, Tiempo e Forma*, VII, 3, pp. 55-86.
- Norberg-Schulz, C. (1979). *Genius Loci – towards a phenomenology of architecture*. Nova Iorque: Rizzoli
- Oliveira, C. R. (1971). *Fuzeta: uma abordagem Antropológica*. Dissertação de Licenciatura. Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina, Universidade Técnica de Lisboa.
- Oliveira, E. V. de, Galhano, F. & Pereira, B. [1969] (1988). *Construções Primitivas em Portugal*. Lisboa: Dom Quixote.
- Oliveira, F. M. (1985). *Ria de Faro – Barra da Fuzeta. Evolução 1944-1984*. Lisboa: Direcção-Geral de Portos.
- Pacheco, M. P. (2009). *A evolução Urbana e Arquitectónica da Fuzeta*. Dissertação de Mestrado em Arquitetura. Instituto Superior Técnico.
- Pacheco, M. P., Caldas, J. V. (2015). “Ecos Mediterrânicos no Urbanismo e na Arquitetura da Fuzeta” in AA.VV. *Arquitetura Tradicional no Mediterrâneo Ocidental* (1.º Congresso Internacional). Mértola 13-15 Maio de 2015. Lisboa: Argumentum/CAM. pp. 108-113.
- Ramalho, M. et al. (2003). *Carta Geológica simplificada do Parque Natural da Ria Formosa*. Lisboa: Instituto da Conservação da Natureza.
- Ribeiro, O. [1961] (2013). *Geografia e Civilização – Temas Portugueses*. Lisboa: Letra Livre.
- Silva, C. N. (2012). *Evolução das “barras” no sistema lagunar da Ria Formosa – A barra da Fuzeta como caso de estudo*. Dissertação de Mestrado em Geografia Física. Universidade de Coimbra
- Vaz, A. (1986). *As origens da Fuzeta e seu topónimo*. Olhão: Câmara Municipal de Olhão.
- Zumthor, P. (2009). *Pensar a Arquitectura*. Barcelona: Gustavo Gili.